

Neonicotinóides: o que são e como podem afetar-nos

14 de Setembro, 2013 - 00:23h

Aprovados apressadamente, os novos agro tóxicos são devastadores para abelhas - mas podem contaminar milhares de outras espécies e a água que bebemos. Por George Monbiot, publicado em Outras Palavras.

Só agora, quando os neonicotinóides já são os inseticidas mais usados no mundo, é que estamos a começar a compreender a extensão dos impactos ambientais que causam. Assim como a fabricante do DDT, as corporações que produzem essas toxinas alegaram que eram inofensivas para outras espécies, além das pragas que eram o seu alvo. Como no caso do DDT, ameaçaram pessoas ^[1] que se mostraram preocupadas, publicaram argumentos enganosos e fizeram de tudo para ludibriar o público. E, como que para garantir que a história segue o velho rumo, governos colaboraram com esse esforço. Entre os mais (ir)responsáveis está o do Reino Unido.

Como mostra o professor Dave Goulson neste artigo ^[2] sobre os impactos desses pesticidas, ainda não sabemos quase nada sobre como eles afetam a maioria das formas de vida. Mas, à medida que as evidências se acumulam, os cientistas começaram a descobrir que eles provocam impactos numa enorme diversidade de vida selvagem.

Quem ler o artigo tomará contacto com provas que apontam os neonicotinóides como uma das principais causas do declínio das populações de abelhas e outros polinizadores. Aplicados nas sementes de várias culturas, esses pesticidas permanecem nas plantas conforme elas crescem, e matam os insetos que as comem. A quantidade necessária para destruir os insetos é incrivelmente pequena: os neonicotinóides são 10 mil vezes mais potentes que o DDT. Basta que as abelhas sejam expostas a 5 nano gramas para que a metade delas venha a morrer. Assim como as abelhas, borboletas, mariposas, besouros e outros polinizadores que se alimentam das flores de espécies domesticadas pelo ser humano podem, ao que parece, absorver veneno em quantidade suficiente para comprometer a sua sobrevivência.

Mas somente uma pequena parte do volume de neonicotinóides utilizados pelos agricultores é absorvida pelo pólen ou néctar da flor. Estudos realizados até agora sugerem que apenas de 1,6% a 20% do pesticida usado nas sementes de fibras têxteis são de facto absorvidos pelas plantas - muito menos do que quando as toxinas são pulverizadas sobre as folhas. Parte dos resíduos é levada pelo vento e provavelmente causará estragos nas populações de muitas espécies de insetos, nas sebes e habitats das proximidades. Mas a grande maioria, diz Goulson ? normalmente, mais de 90%? do veneno aplicado às sementes penetra no

solo. Por outras palavras, a realidade é bem diferente da visão criada pelos fabricantes, que continuam a descrever a cobertura de sementes com pesticidas como "intencional" e "precisa".

Os neonicotinóides são químicos altamente persistentes, que se mantêm (segundo os poucos estudos publicados até aqui) no solo por mais de 19 anos. Como são persistentes, tendem a acumular-se: a cada ano de aplicação o solo torna-se mais tóxico.

Ninguém sabe o que esses pesticidas provocam no solo, já que ainda não foram feitas pesquisas suficientes. Mas - mortais para todos os insetos e possivelmente para outras espécies em concentrações mínimas - é provável que acabem com grande parte da fauna do solo. Isso inclui as minhocas? Os pássaros e mamíferos que comem minhocas? Aves e mamíferos que se alimentam de insetos e sementes pulverizadas? Ainda não sabemos dizer.

Isso é o que você continuará a ouvir sobre esses pesticidas: passamos a utilizá-los cegamente. Os nossos governos aprovaram o seu uso sem a mais pálida ideia das prováveis consequências.

Pode ter tido a impressão de que os neonicotinóides foram banidos da União Europeia. Mas não foram. O uso de alguns poucos desses pesticidas foi suspenso por dois anos, mas apenas para determinados propósitos. Ao ouvir os legisladores, seria talvez levado a acreditar que abelhas melíferas são os únicos seres que eventualmente são afetados, e que somente flores de plantas cujas sementes foram pulverizadas podem matá-los.

Mas os neonicotinóides são também borrifados sobre folhas de ampla variedade de culturas. Estão ainda espalhados em pastagens e parques, em pequenos grãos, para matar insetos que vivem no solo e comem raízes da erva. Essas aplicações, e muitas outras, permanecem legalizadas na União Europeia - embora não saibamos a gravidade e extensão dos seus impactos. Sabemos o suficiente, contudo, para concluir que são provavelmente nefastos.

Claro, nem todos os neonicotinóides que penetram no solo alojam-se ali indefinidamente. Ficará aliviado ao saber que alguns deles são lavados, quando, então? ah sim, acabam em águas subterrâneas ou rios. O que acontece ali? Alguém sabe? Os neonicotinóides não são sequer mencionados entre as substâncias monitorizadas pelos órgãos que cuidam da água, de modo que não temos ideia sobre quais as concentrações que se encontram nos líquidos que nós e muitas outras espécies usamos.

Mas estudo [3] realizado na Holanda revela que a água de algumas áreas de horticultura é tão fortemente contaminada por esses pesticidas que poderia ser usada para tratar piolhos. O mesmo estudo mostra que, mesmo em concentrações muito baixas - não superiores aos limites definidos pela União Europeia - os neonicotinóides que penetram nos sistemas fluviais acabam com metade das espécies de invertebrados que esperaríamos encontrar nos rios. Essa é outra maneira de dizer que destroem grande parte da cadeia alimentar.

Fui motivado a escrever este artigo por uma horrível notícia sobre o Rio Kennet, no sul da Inglaterra: um ecossistema altamente protegido. No mês passado, alguém - um fazendeiro, dono de casa, ainda não se sabe - largou outro tipo de pesticida, o clorpirifós, no lavatório. A quantidade era equivalente - em substância pura - a duas colheres de chá. O veneno passou pelas obras do esgoto da região de Marlborough e exterminou [4] a maior parte dos invertebrados existentes numa extensão de 24 quilômetros do rio.

A notícia atingiu-me em cheio. O melhor trabalho que já tive foi, durante as férias de verão da universidade, como zelador da água no trecho do rio Kennet pertencente ao espólio Sutton (Sutton estate). Foi um trabalho difícil e, na maioria das vezes, só fez parvoíces. Mas vim a conhecer e amar esse trecho do rio, e maravilhei-me com a profusão impressionante de vida contida naquelas águas claras. Mergulhado nela até a altura do peito durante a maior parte do dia, fiquei imerso na ecologia, e passei muito mais tempo do que devia a observar pequenos castores e maçaricos; cabozes gigantes abanando as suas barbatanas à sombra das árvores; grandes trutas tão leais aos seus postos que branqueavam o cascalho do leito do rio sob as suas caudas; lagostins nativos; libélulas; larvas de moscas d'água; camarões de água doce e muitas outras espécies.

À noite, em busca de companhia e igualmente fascinado pelos protestos e pelas pessoas notáveis ??que ele atraía, eu acabava no campo de paz, em frente dos portões da base nuclear de Greenham Common. Conteí sobre a estranha história que se desenrolou nessas minhas visitas noutro post [5].

Ativistas que procuram proteger o rio já descreveram [6] como, após a contaminação, ele cheirava mal por causa dos cadáveres de insetos e camarões em decomposição. Sem insetos e camarões para se alimentar, os peixes, aves e anfíbios que utilizam o rio tendem a desaparecer e morrer.

Depois de digerir esta notícia, lembrei-me do estudo holandês, e me pareceu que os pesticidas neonicotinóides provavelmente estão, em muitos lugares, a minar a vida dos rios onde entram de forma semelhante: não uma vez, mas durante todo o tempo em que estão entranhados no terreno à sua volta.

Richard Benyon, ministro do Ambiente do Reino Unido, supostamente encarregado de proteger a vida selvagem e a biodiversidade ? e que, coincidentemente, possui [7] direito de pesca [7] em parte do Rio Kennet e representa o eleitorado da região por onde ele passa ?, expressou sua ?raiva? [8] pelo envenenamento por clorpirifós. Não deveria ele também indignar-se contra o envenenamento rotineiro dos rios por neonicotinóides?

Se fizesse isso, ficaria em maus lençóis com o seu chefe. Assim como envenenam sistematicamente nossos ecossistemas, os neonicotinóides também envenenaram as políticas (já reconhecidamente bem tóxicas) do departamento que deveria regulá-los. Em abril, Damian Carrington expôs, escrevendo no Observer, a carta [1] enviada pelo ministro encarregado do Departamento do Ambiente, Alimento e Negócios Rurais, Owen Paterson, à Syngenta, fabricante desses pesticidas. Paterson prometia à multinacional que os seus esforços para evitar a proibição dos seus produtos ?continuarão e se intensificarão nos próximos dias?.

E de facto, o Reino Unido recusou-se a apoiar as proibições temporárias propostas pela Comissão Europeia tanto em abril [9] como em julho [10], a despeito do número enorme de petições e dos 80 mil emails sobre o assunto que Paterson recebeu. Quando ele e o departamento que dirige se viram frente à escolha entre a sobrevivência da natureza e os lucros das multinacionais dos pesticidas, não surgiram muitas dúvidas. Felizmente, eles fracassaram. (?)

No início de agosto, como para nos recordar do quanto este governo está capturado pelas corporações que deveria regular, o cientista que liderou as inúteis experiências que Walport e

Paterson citaram como desculpa, deixou o governo para assumir um novo posto ^[11] na? Syngenta. Parece que ela já estava a trabalhar para eles, na verdade.

Portanto, temos aqui um departamento que cambaleia como um bêbado carregando uma metralhadora carregada, assegurando-nos de que é perfeitamente seguro. As pessoas que deveriam estar a defender a natureza têm conspirado com os fabricantes de biocidas de largo espectro para permitir níveis de destruição que só podemos imaginar. Ao fazê-lo, eles parecem estar arquitetando uma outra primavera silenciosa.

Tradução: Inês Castilho

<http://outraspalavras.net/capa/neonicotinoides-que-sao-e-como-podem-afet...> ^[12]

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

URL de origem: <http://www.esquerda.net/artigo/neonicotin%C3%B3ides-o-que-s%C3%A3o-e-como-podem-afetar-nos/29427>

Ligações:

[1] <http://www.theguardian.com/environment/2013/apr/28/europe-insecticides-ban-save-bees>

[2] <https://www.sussex.ac.uk/webteam/gateway/file.php?name=goulson-2013-jae.pdf&site=411>

[3] <http://www.theguardian.com/environment/2013/may/01/study-links-insecticide-invertebrate-die-off>

[4] http://www.gazetteandherald.co.uk/news/10533788.Marlbrough_area_farmers_join_hunt_to_trace_source_of___dis

[5] <http://www.theguardian.com/commentisfree/2006/sep/07/post347>

[6] http://www.gazetteandherald.co.uk/news/towns/marlbroughheadlines/10541095.Effects_of_pollution_on_River_Ker

[7] <http://www.theguardian.com/environment/georgemonbiot/2013/apr/04/right-rivers-richard-benyon-interests>

[8] <http://www.newburytoday.co.uk/2013/kennet-pollution-hunt-for-culprit>

[9] <http://www.theguardian.com/environment/2013/apr/29/bee-harming-pesticides-banned-europe>

[10] <http://www.theguardian.com/environment/2013/jul/16/eu-fipronil-ban-bees>

[11] <http://www.theguardian.com/environment/2013/jul/26/government-bee-scientist-pesticide-firm>

[12] <http://outraspalavras.net/capa/neonicotinoides-que-sao-e-como-podem-afetar-voce/>